

POEE

Adaptações do Fundo do Poço

Por Max Vinicius Bof*

O claustrofóbico conto de Edgar Allan Poe, O POÇO E O PÊNDELO, expõe as sensações e delírios de um preso torturado nas masmorras da Inquisição por aparelhos tão incomuns como medonhos. A narrativa em primeira pessoa transmite toda a angústia do personagem central, o qual não sabemos nem o nome. Seguindo o estilo racional e de estórias curtas características de Poe, O POÇO E O PÊNDELO trabalha alguns de seus temas preferidos, como a morte, o sofrimento e a perversidade

Este brutal relato sobre a tortura, no filme de Stuart Gordon, de 1991, de mesmo título, se vê transformado em uma obra quase juvenil. Gordon utiliza símbolos e elementos de Poe, adaptando-os à sua narrativa romântico-aventuresca. Prefere criar um longa-metragem, a partir de apenas 16 páginas, quando o mais coerente seria fazer um curta, se o objetivo fosse a fidelidade da adaptação. Porém, ao diretor, não é isso que interessa. Gordon mantém apenas o pano de fundo, a Inquisição, a cidade, Toledo, o poço e o pêndulo e parte para a criação de uma nova estória, com mais personagens e mais relações. Surgem Torquemada, uma espécie de Deus dentro da Inquisição, interpretado pelo excelente Lance Henriksen; Maria, a mulher que vai ser o personagem principal do filme e condutora da ação; os carrascos, extremamente caricatos; a velha bruxa e Antônio, que viria a representar o torturado original do conto.

Gordon reserva a poucos minutos a seqüência representativa do conto, a tortura de Antônio. Naquele momento, o diretor não consegue captar o clima de tensão e suspense da obra de Poe. A angústia e a sensação de asfixia que povoam o conto se perdem no filme numa cena veloz e desprovida de emoção. A descida gradual, ao mesmo tempo rápida e interminável do pêndulo, a questão do poço e as paredes em chamas que esmagam o personagem de forma avassaladora no conto, são mal trabalhadas ou suprimidas por Gordon, destruindo o que

deveria ser o grande momento do filme.

Outro pecado é a escolha do ator que interpreta Antônio. Tem um desempenho fraquíssimo e não convence nem como torturado, nem como “hábil espadachim”, em seqüências que beirariam o ridículo não fosse Gordon deixar bem claro a sua intenção desde o início, utilizando para isso muito humor negro. Nesta linha, o diretor cita também outros contos de Poe como O BARRIL DE AMONTILHADO e ENTERRADO VIVO, que emprestam charme a obra.

Gordon faz um meio termo entre o filme de terror e a aventura, fugindo bastante do clima da obra, onde o horror vivido pelo personagem é o que comanda a ação. Neste aspecto, entra uma das diferenças da obra de Poe em relação a outros escritores do gênero fantástico e de terror, que é a forma de expressar o horror. Em Poe, o medo é inerente ao personagem em consequência de suas perturbações psicológicas, seus conflitos e complexos. Em autores, por exemplo, como Howard Philips Lovecraft o terror é externo. Em UM SUSSURRO NAS TREVAS e CASA DAS BRUXAS, Lovecraft conduz o leitor a um mundo sobrenatural e não-humano, povoado por seres terríveis e amedrontadores. Em Poe o medo é criado pela mente doentia do personagem. O escritor Jacques Cabau define bem esta diferença assinalando que “o conto de Poe é o contrário do conto de terror clássico. Em lugar de lançar um indivíduo normal num universo inquietante, Poe larga um indivíduo inquietante em um universo normal. Nada acontece ao herói; ele é que acontece ao mundo. Não é tomado por um horror exterior; não é o medo que dispara a neurose, mas a neurose que suscita o medo.”

Um exemplo claro desta característica é o conto O GATO PRETO, onde o personagem principal em consequência do álcool e de suas perturbações acaba matando a sua mulher por causa de um gato que ele odeia. O seu segredo estaria seguro, sem possibilidade

de ser descoberto, mas sua mente é tão doentia que ele acaba achando uma maneira de se auto punir. Numa das inspeções da policia à sua casa, ele, num ato demente, bate na parede e é delatado pelo miado do gato que emparedara junto com a sua mulher. Poe encara o homem assim, um ser complicado, de certo modo descontrolado, culpado por suas fraquezas e complexos. O fato de narrar sempre na primeira pessoa não é por acaso, na medida que entendemos seus personagens como projeção de sua própria personalidade.

Poe sempre foi um homem dividido em duas metades: o lado bom e gentil e o lado satânico, arrogante, marcado pela bebida e a embriaguez. Estas facetas de sua personalidade estão expostas em vários de seus contos de horror. Os personagens são seres atormentados por medos e traumas, apresentando um comportamento perturbador. Invariavelmente, Poe mostra-os como condenados que devem pagar por suas fraquezas. O célebre conto WILLIAM WILSON é o que mais claramente demonstra o conflito interno entre as duas metades do autor. No conto, seus dois lados se confrontam e o ruim vence, amaldiçoando para sempre o destino do personagem.

Além de O POÇO E O PÊNDULO, já foram feitas outras tentativas de adaptação da obra de Poe para o cinema. OS CRIMES DA RUA MORGUE, A QUEDA DO SOLAR USHER, DOIS OLHOS SATÂNICOS, MURALHAS DO PAVOR, entre outros, muitas vezes reunidos em episódios para a televisão ou citados dentro de outros filmes. Como adaptação todos fracassam e não conseguem passar o clima da obra. Por problemas de produção, na maioria das vezes muito precárias, por questões de escolha de atores e até mesmo pela dificuldade para se transmitir todo o turbilhão de emoções que permeiam os personagens de Poe. Nestes filmes, eles acabam transformados em meras caricaturas, em tipos, em que o gigantesco vazio de idéias e expressões fogem completamente a complexa origem literária.

Poe mereceria que um grande diretor de expressão internacional se debruçasse sobre sua obra e realizasse um filme que fizesse juz a grandeza do autor. O conto WILLIAM WILSON, se adaptado corretamente, poderia ser transformado num grande filme por tratar de elementos que tangem a vida de todas as pessoas na questão dos dois lados - o bom e o ruim. Embora trate-se de um conto de apenas 20 páginas poderia até mesmo ser transformado em um longa se passasse por um cuidadoso processo de recriação e ampliação da essência da obra.

Em se tratando de literatura de terror, até mesmo um autor como Stephen King já foi adaptado com sucesso diversas vezes e é inadmissível que um escritor do calibre de Poe ainda não tenha tido esta oportunidade. King já viu seus melhores e piores livros serem transformados

em filmes, alguns deles de um grande sucesso como CARRIE e O ILUMINADO e outros que tiveram uma boa recepção como A HORA DA ZONA MORTA, ECLIPSE TOTAL e ANGÚSTIA. É verdade que King faz mais a cabeça do gosto médio e está na moda, sem querer tirar os méritos que a sua obra tem. O que espanta é na comparação à Poe, não encontrar nenhuma grande adaptação de uma obra sua como o caso de O ILUMINADO, dirigido pelo consagrado Stanley Kubrick.

Talvez a explicação disto esteja justamente na diferença da forma de expressar o horror entre King e Poe. Da mesma forma que Lovecraft, mas sem o mesmo brilhantismo, King no conjunto de sua obra apresenta um mundo fantástico onde o horror é exterior e o personagem é contraposto e atacado por ele, nas mais diversas formas: monstros, seitas malditas, extraterrestres sanguinolentos, automóveis possuídos pelo diabo etc. Ao contrário de Poe, como já vimos, na maioria dos casos o medo não é fruto da mente doentia de um personagem, embora King goste muito de trabalhar o que se passa na cabeça deles em quase todos seus livros.

Os grandes realizadores da atualidade seguramente não considerariam impossível fazer uma boa adaptação de uma obra de Poe, como WILLIAM WILSON. Poderiam estar temendo o processo de reverter em imagens os complexos pensamentos, temores e angústias de seus personagens? Embora alguns pensem que o cinema não é o veículo ideal para trabalhar estas situações mais claramente apresentáveis na literatura, a sua própria história já provou que isto não é verdade. Obras profundas, onde personagens reais e não estereótipos estão em luta com sua própria consciência já foram apresentadas, como em diversos filmes europeus, principalmente os de Ingmar Bergman. Então não é esta a questão.

O problema é a competência e capacidade do realizador. Paradoxalmente serve de exemplo uma obra do *comercial* Stephen King: trata-se do próprio O ILUMINADO, onde o personagem principal tem sua mente atormentada; grande parte do horror é gerado por ela, como nos contos de Poe. O que aconteceu é que houve um grande diretor no comando da adaptação destes aspectos mais complexos do livro em imagens, o que infelizmente ainda não aconteceu com a obra de Poe, que sempre foi vista superficialmente pelos cineastas que tentaram fazer uma leitura dela, resultando invariavelmente em filmes sem nenhuma expressão, muito distante da obra do grande mestre.

**Jornalista e Aluno do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.*